

JAZZ

18 ABRIL 2015

CICLO "JAZZ +351"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

João Mortágua Quarteto

Janela

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Saxofones, voz, melódica João Mortágua Guitarras Miguel Moreira
Contrabaixo, baixo elétrico José Carlos Barbosa Bateria José Marrucho

Sáb 18 de abril
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Portada para o mundo

Numa de numerosas vindas a Portugal, país que frequenta devido às suas colaborações com a associação Porta-Jazz, o contrabaixista sueco Torbjorn Zetterberg manifestou-se surpreendido com o jazz que aqui vem encontrando: «Mesmo aquilo que me apresentam como *mainstream* não o é na realidade, mas música com elevado índice criativo.» Um desses casos de um jazz feito dentro da tradição do género, mas com uma perspectiva fresca e inovadora, é o de João Mortágua, jovem saxofonista e compositor cujo nome vai ganhando cada vez maior realce. E se já tal acontecia devido às funções que vinha desempenhando como *sideman*, o seu projeto a solo, *Janela*, confirmou-o como um valor ímpar na cena nacional.

Mortágua fez estudos clássicos e isso presente-se, embora o jazz se tivesse acrescentado à música erudita muito depressa: «Comecei a tocar piano aos 8 anos de idade e desde então nunca parei. É o meu aliado de sempre, pelo que a perícia técnica que adquiri nesses cinco anos de conservatório valeram-me a familiaridade com esse instrumento que me é tão caro. Por essa mesma altura comecei com o saxofone e os ensinamentos do clássico foram-me úteis em igual medida: emissão sonora, técnica digital, expressividade, articulação, efeitos. Todo o tempo despendido com estes parâmetros ajudou-me a tratar o saxofone por tu. Entre os primeiros grupos que integrei estava uma *big band*, pelo que aos 10 anos tive desde logo contacto com o jazz. Também as

audições a solo, o quarteto de saxofones e a orquestra sinfónica conferiram-me maior aptidão e confiança enquanto solista e *performer*. A nível de repertório, o meu gosto pelas músicas de Bach, Beethoven, Schumann, Chopin, Bartók, Debussy e Gershwin acrescenta-se ao que tenho por Count Basie e Duke Ellington.»

Evidente também é a atração de João Mortágua pelo rock, idioma musical que está bem presente no álbum *Janela*, um dos mais importantes, entre nós, da fornada discográfica de 2014. Momentos há em que se identifica, por exemplo, a inspiração nos progressivos Gentle Giant: «Não é uma influência muito consciente, mas sou fã de música rock, pelo que de alguma forma isso vem à tona quando escrevo. A escolha da formação, quarteto com guitarra elétrica, sugere também essa sonoridade, sendo que muito me apraz, por exemplo, o uso de uníssonos com esse instrumento», comenta.

Além disso, *Janela* revela uma outra faceta do músico que se desconhecia, a de vocalista, que não do jazz mas colocando-se no enquadramento da pop e do rock: «O meu alter-ego, João Janela, é um cidadão comum que sonha vir a ser cantor. Trocando por miúdos: pretendia desde o início que as letras fossem proferidas ingenuamente por alguém que não fosse cantor e que as tentasse cantar de forma livre e espontânea. Acabei por concluir que, para conseguir esse efeito, faria todo o sentido fazê-lo eu próprio. A estranheza de uma voz vulgar e até algo desafinada, diluída na malha sonora, é algo que me

agrada por conferir autenticidade e uma exposição pitoresca e quase cómica de um homem em busca de si próprio.»

João Mortágua é bem um produto do ensino singular ministrado, no Porto, pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo. Esta tem sido responsável pelo surgimento de uma série de músicos que perceberam que, para além de uma boa preparação técnica, é vital possuir-se uma forte personalidade e uma inventividade que não se deixe espartilhar por fórmulas demasiado estabelecidas. Diz ele: «A ESMAE marcou-me pelo tom familiar das vivências (as diurnas e as noturnas, através de *jam sessions*) e pela convivência com uma comunidade artisticamente rica e ativa. O facto de termos aulas com os mesmos professores determina desde logo a forma como vemos a música, embora eu acredite que a melhor educação é aquela que, ao invés de improvisões, oferece ferramentas para que cada aluno construa a sua e absorva os conceitos à sua maneira. Nesse sentido, recorde com apreço as aulas de Combo e Técnicas de Improvisação de Nuno Ferreira, bem como os *workshops* da ESMAE no Guimarães Jazz.»

Esta atitude tem-na Mortágua bem assumida... «Mais do que um princípio de orientação, é a minha forma natural de estar. Prefiro despir-me o mais possível de referências (sabendo que elas estarão sempre lá, no meu inconsciente) e seguir somente os sons, as melodias que me agradam, os acordes, as palavras. Por isso, opto bastante pelo formato canção, que vejo como uma tela onde conjugo tudo isso. O próprio

nome do projeto, *Janela*, reflete a finalidade principal: abrir a portada para o mundo, espelhando na minha música o mais possível da minha sensibilidade enquanto pessoa.»

E como procede para garantir isso? «Vario o processo criativo de tema para tema, usando diferentes pontos de partida: uma sequência de dois ou três acordes, uma linha de baixo ou uma melodia podem facilmente desembocar num tema, ou podem ser só mais uma ideia que registo e mais tarde usarei noutro contexto. Variar a ordem do processo e reciclar ideias revela-se para mim imperativo. Compor é uma descoberta interior e uma marca de identidade.»

O resultado, como é óbvio, não vem apenas das suas perspetivas pessoais. Para o que ouvimos contribuem também, e decisivamente, os restantes elementos do quarteto *Janela*, Miguel Moreira, José Carlos Barbosa e José Marrucho: «Para além da cumplicidade existente, estes são também os músicos portugueses que eu quis para tocar a minha música. As suas qualidades e versatilidade conferem ao grupo uma identidade que trespassa a música que escrevo, rumo a uma soma das dos quatro. Têm todos um papel nas escolhas e roupagens que damos aos temas.»

Dois deles, Moreira e Marrucho, estão com Mortágua numa outra banda, *m3*, cujo trabalho, como refere, é «bem mais livre». «Praticamos sobretudo improvisação, sem premissas, tendo como fundamento a procura coletiva e o objetivo de seguir os nossos instintos, ainda que estes nos levem, por exemplo,

até um refrão de rock. Noutros casos, usamos motes extramusicais, tornando assim o trio num espaço de fruição das nossas experimentações programáticas. Ainda assim, são inevitáveis as afinidades estéticas entre *Janela* e *m3*, seja nos sons escolhidos pelo Miguel como na abordagem do Marrucho. Por exemplo, um tema de *Janela*, “Espaço”, tem um ambiente bastante próximo de algumas improvisações de *m3*. É esta a minha forma de viver a música. O que me move, antes de mais, é partilhar com o público a magia do ato de criar arte com os sons. Se uma peça surgir mais escura e taciturna, ou uma letra contiver preocupações sociais, não as renego, pois essas emoções também fazem parte da existência. O meu principal objetivo é contribuir para o crescimento humano e a evolução coletiva sendo eu próprio», especifica João Mortágua.

Mais: «Tento sempre retirar o máximo das minhas capacidades em prol dos projetos em que toco, sendo que a escolha dos instrumentistas, em música que envolve improvisação, define muito a sonoridade dos grupos. Nesse sentido, há algo de mim em todos aqueles em que participo, tal como acontece no *Bouncelab* de Mané Fernandes ou em qualquer outro. Agrada-me a ideia de as diferenças entre as músicas de cada banda me permitirem explorar mais esta ou aquela faceta e assim redescobrir-me e reinventar-me constantemente.»

Uma característica de Mortágua enquanto saxofonista é a sua elasticidade, podendo soar docemente como Paul Desmond ou com a estridência

rugosa de um John Zorn sem nunca perder o seu estilo próprio: «Entre os saxofonistas que mais ouvi estão Charlie Parker, Art Pepper, Cannonball Adderley, Lee Konitz, Dexter Gordon, John Coltrane, Joe Henderson, Benny Golson, Sam Rivers, Eric Dolphy, Wayne Shorter, Branford Marsalis, David Binney e Miguel Zenon. Essas influências surgem nos meus saxofones, mas não são intencionais e tento não lhes dar demasiado valor. Talvez seja por isso que me esforço pouco para me libertar delas... No final de contas, é tudo música!»

Não podia ser mais verdade: é tudo música. Distinções entre *mainstream* e “vanguarda” no que respeita à relação do jazz de hoje com as suas convenções e o seu património não fazem mais sentido para a geração de João Mortágua. Esta *Janela* é já outra coisa – a percepção de que só se cria o novo sobre (não contra, e não especialmente a favor) o que foi criado antes – e isso está a mexer com as consciências dos que cá vivem e dos que, como Torbjorn Zetterberg, vêm de fora.

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista online *jazz.pt*

João Mortágua

Natural de Estarreja, ingressou aos 9 anos de idade no Conservatório de Música de Aveiro. Depois de uma participação na Orquestra Juvenil do Centro, o seu cada vez maior interesse pelo jazz trouxe-o para Lisboa a fim de frequentar a Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal. Foi no Porto (ESMAE) que tirou, no entanto, a sua licenciatura. Contribuiu para a gravação de vários discos, entre eles *Joyce* (Zelig), *Our Secret World* (Orquestra Jazz de Matosinhos com Kurt Rosenwinkel), *Agromando* (Iago Fernandez), *Câmbio* (Miguel Moreira Sexteto), *Set* (Nuno Ferreira) e *Bouncelab* (Mané Fernandes). É docente de Saxofone Jazz no Conservatório de Música de Coimbra.

Miguel Moreira

Residente no Porto, é formado em guitarra pela Escola de Jazz do Porto e em percussão clássica pela Academia de Música de Espinho, tendo Miguel Bernat como mestre. Além do seu trabalho no domínio da música erudita com o Remix Ensemble, o Drumming GP e outros grupos e orquestras de câmara, é membro de uma grande variedade de projetos na área do jazz, em associações com Pedro Barreiros, Sérgio Carolino, Gileno Santana, José Pedro Coelho, Mário Santos e outros, e dirige o seu próprio sexteto. Tem, com este, um disco publicado, *Câmbio*. É professor na Escola de Jazz do Porto.

José Carlos Barbosa

Licenciado em jazz pela ESMAE, depois de ter frequentado a Escola de Jazz do Porto, teve como mestres no contra-baixo músicos como Pedro Barreiros, Demian Cabaud, Carlos Bica, Zé Eduardo e Bernardo Moreira. Colabora episodicamente com a Orquestra Jazz de Matosinhos, em especial no seu programa didático, e integrou a Orquestra Sinfónica da ESMAE. Participa numa grande variedade de discos, como *Início* (GS Quartet), *6 e 5* (AP Quinteto), *Aljâmia e Mergulho* (Coreto), *Tu Não Danças* (Rui Teixeira Group), *Encontro em Dois Momentos* (Quarteto de Isabel Ventura), *Traces of Cities* (Manuel Linhares Quinteto) e *Metamorphosis* (Gileno Santana).

José Marrucho

Nasceu no Fundão e fez os seus estudos de bateria e percussão na Escola do Hot Clube, em Lisboa, e na ESMAE, no Porto. Participou em *workshops* de Mark Turner, Dan Weiss, David Binney e Marc Ducret, entre outros. Tocou com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Nacional da Juventude e a Reunion Big Band. Tocou a música de Jimi Hendrix com o grupo The Experience. Gravou com Zelig (*Joyce*), AP Quinteto (*6 e 5*), Coreto (*Aljâmia e Mergulho*) e Miguel Moreira Sexteto (*Câmbio*). Dá aulas na Escola de Jazz do Porto, na Escola de Música Valentim de Carvalho, no Sítio de Sons e na Tone Music School.

Próximo espetáculo

IndieLisboa 2015

Festival Internacional de Cinema Independente

Cinema de qui 23 abril a dom 3 maio
10h30 – 23h45 · M16 (exceto IndieJúnior)



O IndieLisboa volta a trazer o melhor e mais recente cinema de todo o mundo. Serão 11 dias em que marcará presença na Culturgest, que volta a ser coprodutora do festival, no Cinema São Jorge, na Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema e, pela primeira vez, no Cinema Ideal. Programação disponível em www.indielisboa.com

Próximo espetáculo de teatro

Jorge Moniz Quarteto

Inquieta Luz
Ciclo “Jazz +351”
Comissário: Pedro Costa

Jazz Sex 8 de maio
Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6



“*Inquieta Luz*, do baterista português Jorge Moniz, explode como fogo de artifício em todas as direções.” Chris Mosey, allaboutjazz.com, 02.02.2015

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiária:

Sara Amaral

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo